

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo.

Edição Especial SETA 2015

A BUSCA PELO IDEAL DE FELICIDADE, ATRAVÉS DAS NOVAS FORMAS DE RESSIGNIFICAÇÃO CORPORAL.

Sérgio A. MARTINS¹

Marina PINHEIRO²

RESUMO

As novas formas de ressignificação do Eu ou mesmo de satisfação das necessidades de reedição para encontrar-se com o informe, mesmo que para isso o sujeito se encontre ressignificado através das mutilações corpóreas, ou através das novas formas de liberação da energia psíquica, com a ajuda dos ciberespaços de bate-papo virtual, é o que será tratado neste artigo. O sujeito, componente de uma sociedade contemporânea que mergulha no mais profundo movimento de ressignificação da subjetividade, outrora nunca vista, se vê como autor de sua existência até mesmo da existência biológica, reeditando seu corpo para singularizar-se da alteridade. E ainda sendo estimulado pelas tecnologias a entrar num mundo sem fim nem limites de aprofundamento sua entidade psíquica.

Palavras-chave: Sentimento oceânico, subjetividade, corpo próprio, autoriação, avatarização, reedição do eu, confronto com informe.

ABSTRACT

1Graduando do curso de Psicologia (9º Período) da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. Diretor da empresa RHF Talentos, Recife – PE. Tecnólogo em RH pela Escola Superior de Marketing/FAMA. Email: paulo.martins@rhf.com.br.

2Doutora em Psicologia pela Universidade Federal; Professora da Faculdade de Ciências Humanas Esuda. Email: marinaassis.pinheiro@gmail.com.

New ways of reframing the Self or even meeting the reissue needs to meet to the report, even if it the subject is found reframed through bodily mutilations , or through the new release of psychic energy , with help of virtual chat cyberspace , is what will be covered in this article. The subject, component of a contemporary society that delves into the deeper movement of redefinition of subjectivity, once unseen , sees himself as the author of his existence even of biological existence , reissuing your body to single out from the otherness. And still it is stimulated by technology into a world without order or depth limits of his psychic entity.

Keywords : Oceanic Feeling , subjectivity , body, authoring , avatarização , reissue of the self, confrontation with inform .

RESUMEN

Nuevas formas de replantear el Ser o incluso el cumplimiento de la reedición tiene que cumplir con el informe, incluso si el sujeto se encuentra reformuló través mutilaciones corporales , oa través de la nueva entrega de la energía psíquica , con ayuda del ciberespacio charla virtual, es lo que se trata en este artículo . El sujeto, componente de una sociedad contemporánea que se adentra en el movimiento profundo de la redefinición de la subjetividad , una vez que no se ve, ve a sí mismo como el autor de su existencia incluso de la existencia biológica , reeditando su cuerpo para destacar de la alteridad. Y todavía es estimulada por la tecnología en un mundo sin orden ni profundidad límites de su entidad psíquica.

Palabras clave: sentimiento oceánico , la subjetividad , del cuerpo , de autoría , avatarização, reedición del yo, de confrontación con informar.

INTRODUÇÃO

Para começar um discurso em que se coloquem os fundamentos e diálogos do sujeito na contemporaneidade, torna-se necessário abordarmos o delicado campo das demarcações e delimitações do 'eu'. Quando esse 'eu' se distinguiu do 'outro'?. E quando conseguiu se ver

uno e separado do outro? Quem é esse 'outro'? Conforme os conceitos lacanianos destacados por Bruce Fink (1998, p.9), este pode ser delimitado como linguagem (inconsciente), como imaginário (eu ideal) e como desejo (ideal de eu) chegando ao supereu freudiano (gozo); todos facetas desse 'outro'. Mas nesse caso, como diz Freud em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), essa aparência unitária, autônoma e bem demarcada de tudo o mais é enganosa. Ele diz que o "eu se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente (ID)", e completa: "a qual ainda nos serve de fachada". Freud conclui dizendo que "ao menos para fora o Eu consegue estabelecer limitações". (FREUD, 1930, p.9) Todo esse discurso nos faz ao menos refletir sobre esse sentimento de vínculo ao outro (como objeto) e que se fundem, nessa linha de raciocínio, o sentimento de vínculo com uma eternidade paternal/oceânica, tão incompreensível quanto distante. Isso ao longo dos anos e da evolução da moderna humanidade até aos dias de hoje, se tornou complexo demais para que a humanidade se tornasse por muito tempo cativa. Preferindo hoje substituí-la (sorratamente ou não) por outras formas de suprimento de completude designada pela satisfação do desejo. Seja através do sadismo/masochismo, seja através de uma junção disso com as diversas e mais variadas formas de satisfação sexual, com vistas a um êxtase constante de maneira que cada vez menos as pessoas distinguem os espaços virtual e real. As formas de afirmação da subjetividade perpassa, hoje, por várias barreiras fronteiriças inimagináveis há duas décadas. Não é de surpreender que essas manifestações já ocorriam em menor proporção (acreditasse, ou não) naquela época. O que vem ocorrendo hoje é que à medida em que avançam as facilidades tecnológicas e se aumentam os recursos de contato pelo mundo virtual (entenda-se aqui, virtual como o ciberespaço, ou a internet) menos se tem necessidade de contatos físico-presenciais, visto que parte da energia psíquica investida no exibicionismo e no voyeurismo já satisfaz aos seus praticantes (mesmo que não completamente). Penso ser esse um dos fatores que fazem as pessoas repetirem o ato. Também vemos hoje novas formas de lidar com as possibilidades corporais, sendo esse "corpo", seu objeto/gozo editável ao ponto de resultar em mutilações, transformações, e corpo este, como sua obra de arte, na tentativa de diferenciar-se do outro beirando os limites do possível. Se em vinte anos caminhamos a passos largos nessas questões, seria motivo de preocupação saber que ainda estamos bem aquém do potencial tecnológico que

podemos e pretendemos alcançar? Talvez nosso próximo discurso gire em torno, agora, dos ciberespaços de avatares que são uma evolução dos espaços de bate-papos que ainda têm seu público, mas é inegável que tais mudanças têm ocorrido e que aos olhares mais atentos não devem se furtar. Com a evolução dos vídeo-games conhecidos hoje por permitir quase que total interação do homem com a máquina, e que através de gestos captados por sensores de movimento dessas inovações, fazem o que se comanda. Não duvidamos que com mais um pouco de tempo se tenha uma boneca holográfica (avatar ou real) que torne mais próxima e atual a experiência de satisfação. Que impactos tal experiência irá causar no futuro (próximo/veloz) da humanidade? Onde ficará o espaço da família (em suas novas e mais variadas formações atuais) daqui a mais 20 anos? Temerosamente podemos perguntar: que novas formas de subjetivação teremos? São perguntas cujas respostas não são tão difíceis de deduzir, se compararmos com o que já experienciamos até agora. Se antes a subjetividade se multiplicava de várias formas, agora se exponenciam. Temos aqui uma das respostas?

A busca pelo estado de felicidade como finalidade da existência.

Se pudéssemos encontrar um lugar para essa discussão, sem dúvida traríamos esse debate para o âmbito da busca pela felicidade do sujeito em particular. Entretanto, essa busca existencial se depara com a produção de verdades do mundo moderno, que para entender a felicidade (pelo menos, como a finalidade da vida) produziu duas grandes invenções: a ciência e a arte, que segundo Freud citando Goethe (apud FREUD, 1930, p.19), que diz:

“Quem tem ciência e arte,
tem também religião;
Quem essas duas não tem,
esse tenha religião.”

Ao que relata Freud: “Por um lado, a religião é aí colocada em oposição às duas maiores realizações do ser humano; por outro lado afirma-se que ela pode representar ou substituir ambas, no que toca ao valor para a vida” (FREUD, 1930).

Ao que podemos ir mais além no comentário de Freud, dizendo que o convite: “esse tenha religião!”, não quer dizer “tenha religião e não ciência e arte”, pelo contrário, “comece a ter religião a partir da prática da ciência e da arte”. Esse é mais um olhar sobre o que disse Goethe. Entretanto, a vida exterior, não só nos tempos de Freud, é difícil e isso traz bastante sofrimento à vida psíquica, fazendo com que cada sujeito busque suas formas de anestesia do sofrer. Seja através de “gratificações substitutivas” e/ou “substâncias inebriantes” (FREUD, 1930, p.18), as quais tornam o sujeito insensível ao sofrimento. Portanto, através dessa volúpia de prazeres e desprazeres o ser humano retoma o ponto crucial sobre a finalidade da existência que aparentemente a ciência e a arte não se detêm mais em responder, visto que entendem que só a religião sabe responder (à sua maneira), a essa questão. Só que a ciência, por sua vez, constrói um pilar sobre o programa do princípio do prazer para estabelecer aí a finalidade da vida, tendo assim por resolvida essa questão.

A partir de agora, discorreremos para essa finalidade já apontada para tentar explicar o desvículo com a religião e o vínculo com as novas formas de prazer que hoje parecem subjazer às anteriores. Ainda de acordo com Freud (1930), “felicidade é a satisfação repentina de necessidades altamente represadas e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico”. Isto é, toda satisfação é meramente temporária e só é recorrente à medida em que as necessidades estão por arrebentar represas (barreiras) psíquicas. Talvez isso explique o retorno constante às satisfações temporárias que hoje percebemos no voyeurismo/exibicionismo através das redes privadas de bate-papo virtual. Mas não entendamos o intervalo entre cada ato, ter curto espaço temporal, isso vai depender do represamento dos desejos, e se mesmo, tal sujeito construiu barreiras fortes através do recalque – fortes, do ponto de vista do superego – no sentido de tentar impedir que conteúdos ‘Ídianos’ emirjam. Por isso, não se sabe quanto tempo durará àquele gozo proposto através dessas atividades. Nem o quanto essa barreira suportará tal tensão, isso vai de cada constituição psíquica subjetiva inconsciente. Quando o sujeito sentirá a necessidade de satisfazer tal desejo novamente? Corroborando com Freud, “a felicidade não se torna aqui uma condição de ser, mas de um morno ‘bem-estar’ e que só garante fruir intensamente apenas o contraste, e quase nada, o estado (de felicidade).(FREUD, 1930, p.20)

A dissolução do Eu e o retorno ao informe como forma de recriação de Si

O homem se destruirá um dia? Ou a pergunta correta seria: O homem se transformará um dia, autorando assim, talvez, o que poderíamos chamar de “uma nova espécie”? Espécie esta, não criada por um ser divino ou mesmo como um resultado de um processo evolutivo externo a si, como na filogênese (para mencionarmos rapidamente, aqui, as duas teorias que mais influenciaram a humanidade ao longo dos tempos – a criacionista e a evolucionista), mas sim, criada pela necessidade de ressignificação ao defrontar-se com a realidade que lhe fora determinada biologicamente. Portanto, determinada culturalmente. “Puseram-me assim no mundo”; “eu não me escolhi”; “eu não sou meu corpo”, talvez sejam questões que perpassem o conteúdo inconsciente do sujeito em conflito com sua própria identidade corpórea. É por esse motivo, talvez, que Vladimir Safatle, comentando a obra de Cindy Sherman, uma fotógrafa californiana, diz que na “dissolução do eu há um confronto com o informe”. (2006, epígrafe do artigo: *O que vem após a imagem de si*). Uma voz insistente e estridente, porém inconsciente, traz a inconformação do sujeito com o fato de que este não participou do processo criador de si. Visto que, depois da evolução de sua consciência através do domínio da linguagem e do pensamento, o sujeito passa agora a ter a ideia de soberania de si, algo que há tempos era atribuída apenas aos pais, ao Outro (grande Outro) e ao Transcendente. É provável que Michel Foucault, quando diz: “Pode-se apostar que o homem desaparecerá, como um rosto de areia desenhado no limite do mar” (apud, Safatle, *O que Vem Após a Imagem de Si?*, 2006), estivesse nos dando um vislumbre do futuro da humanidade. Ao que comenta Safatle: “Assim, dissolver o Eu enquanto potência expressiva significaria reconstruir a possibilidade de algo parecido a uma experiência não-narcisista de objeto.” Estaria ele nessa expressão dizendo que dissolver o Eu seria uma depreciação de si, apenas? Ou tanto Foucault quanto Safatle estão corroborando com a ideia de que o homem ‘desaparecerá’ ou ‘processa sua dissolução’, tendo em vista o processo de recriação do Si mesmo? Analisando um pouco mais o que diz Safatle, o qual afirma que a arte contemporânea tenta estar um passo a frente do que vem a ser a constituição do Si desprovido de Eu e fala que há “regimes de despersonalização em operação na produção

artística contemporânea”. Para tanto, enfoca o trabalho da fotógrafa anteriormente mencionada, a Cindy Sherman, cujo primeiro trabalho intitulado, “Untitled Film Stills” (1977-1980), onde Sherman problematiza a relação da identidade com a imagem corporal. Tirando fotos de si mesma, como réplicas de uma sociedade consumista. Tudo para responder a algumas questões cruciais em que se transitam os temas da corporeidade, imagem e ipseidade, como: “o que é meu no corpo?”, “o que significa subjetivar o corpo? Teríamos como responder a essas perguntas até mesmo pela ideia que viemos traçando até agora, no que se refere à singularização do corpo como forma de demarcação dos limites do Eu, mas essa tarefa mesmo a essa altura não passará de meras conjecturas. Portanto, melhor é continuar no discurso do que vem a ser o corpo próprio, que conforme o conceito de Safatle é a questão mais delicada da estrutura narcísica. Podemos então deduzir que seja por isso que não há como interpretar e entender o trabalho de Sherman senão pela completude das fotos dos seus trabalhos, o que Safatle chama de ‘cadeia significativa produzida pelo conjunto’(Safatle, 2006). Podemos começar a entender a influência da arte contemporânea no sentido de ser um reflexo ousado, um retrato e como se deram as configurações processuais do Eu, já nos anos 70 com Sherman, representando as sociedades de consumo de sua época e que prosseguiu nesse norte guiando os outros trabalhos da artista. A mera imagem de si, de um auto-retrato como impressão do Eu, não seria nada se tal esforço não fosse ‘para e pelo Outro’, como diz Safatle. Entretanto, mesmo sendo essa a intenção inicial, ela não perdura e deixa de refletir o ‘corpo próprio’ de Sherman, visto que essa qualificação passa a ser inexistente no sentido de continuidade, onde a criação de imagens de Si seja, atribuir-se a condição de objeto do desejo do Outro, e portanto, deixa de ser próprio esse corpo, e sim, do Outro. Mas até onde deve-se assumir tal papel? Não poderíamos estender esse papel de apenas ser objeto de agrado do Outro por muito tempo. Se sairmos do período em que Sherman representava nessas fotos o estereótipo dos anos 50, e olharmos para a atual conjuntura contemporânea, talvez não possamos mais dizer que esse investimento é para e somente pelo outro, visto que as formas de singularização de hoje se destacam pela influência não só mais artística, embora esta ainda tenha grande influência em certa camada social, ou pelo menos retrate nossa contemporaneidade, mas hoje, com os adventos tecnológicos fica difícil observar todos os movimentos de energia libidinal que

antes era apenas tácito, através da arte, da música e de outros meios de comunicação indireta, e hoje explícito. Basta um pensamento criativo e um clique e todo sonho e fantasia vira realidade à sua frente. Estaremos então atravessando uma ponte em que de um lado está a dissolução do Eu, e de outro, a virtualização do Eu, quer seja através da rede de computadores, quer seja através da virtualização de Si mesmo, por meio das autorizações corporais. Voltando ainda ao artigo de Vladimir Safatle, seria esse processo o que ele se refere como “multiplicação de máscaras e de personas a afirmação de uma subjetividade enfim liberada do Eu unificador e capaz de gozar da plasticidade de seus mascaramentos”? Nos anos 70 o feminino mascarado, hoje o corpo, sem gênero definido, ipse do outro, e agora um sujeito virtual, em potência e em realidade, no sentido de satisfazer suas próprias vontades e prazeres sendo ou se dispondo a ser objeto do desejo do Outro, ou não, pois há quem possa fazer-se desejo constitutivo de Si mesmo, e autorar sua existência apenas narcisicamente. O que podemos fazer? São as formas de subjetivação nas quais viemos parar hoje, e que está em estado de contínua construção, dissolução e reedição.

A virtualidade como espaço constitutivo de novas reedições do Eu

Avatar e Matrix. Dois filmes sucessos de bilheteria. O Primeiro, 10 anos de espera até a “tecnologia de colagem” através de sensores captados por computador estivesse pronta. Que espera longa! Poderia chamar isso de “retenção para um gozo maior” ou “investimento para um gozo completo”. Será? (Ou o que se esperava era uma nova compreensão de uma distinção do virtual e do real na subjetividade humana?) O segundo, Matrix, vem trazendo uma temática que focaliza o controle da humanidade por máquinas, onde tudo é controlado e observado. Basta uma conexão, um telefone, um fio de ligação rastreável entre uma ponta e outra. Nele percebemos um duelo eterno entre o bem (“bons” programas cibernéticos, que facilitam – ou controlam – a vida humana) e o mal (vírus, criados em tempos remotos – digamos 2013 – pelo próprio homem os quais o controlam agora), para finalizar, a trama trabalha no sentido real/simbólico do imaginário do ser humano, onde tudo está à mão, como um curso instantâneo de como pilotar um helicóptero de guerra, por exemplo (satisfação instantânea do desejo). Essas duas analogias da

introdução nos remetem a como tendemos a cada dia, avatarizar nossas emoções e sentimentos (desejos). Ao imediatizar contatos/interações nos quais se têm o primeiro contato como se o já tivesse há anos: desfruta-se o prazer num contato virtual e real porém não atual, do ponto de vista presencial, onde essa mesma virtualidade, apenas precisa de dois pontos em uma rede digital, como é o caso do uso da internet na atualidade, da qual para a contemporaneidade, fica impossível imaginar sua ausência. (*O si mesmo* se torna mais importante do que o *Eu – O si mesmo*, entenda-se, aqui, como *Eu* reeditado pelo desejo do Outro de participar do processo criador de sua existência trazendo a ideia de resignificação). O que tem atraído o interesse do adolescente, jovem, jovem-adulto e até do adulto-adolescente hoje, é a facilidade de ter contato, sem tato (o que não deixa de ser real e satisfatório). As relações têm pairado pelo campo visuo-virtual voyeurista/exibicionista do corpo desejante e desejado. Fotografa-se partes do corpo, posições que, em próprio prisma, são o melhor ângulo – o que se confirma ou não através de um feedback, muito aguardado! – Há sites especializados em comentar o desempenho sexual masculino, estabelecendo até notas de 0 a 10. Onde está o Real nisso tudo? Diante de uma atualidade que endeusa o virtualismo, não mais como tal, mas como um novo Real (ou uma nova forma de satisfação do desejo do sujeito pelo objeto). É nesse entrelaçamento, de formas, cores, tons, nuances, misturas(mixs), que se caracteriza a contemporaneidade. Onde o ser singular, em meio a não-barreiras/não-limites tenta se estabelecer como uno, ensimesmado pelas suas próprias satisfações, cujas mudanças constantes, são seu eixo. Sem reedição do *Eu*, não haveria, possivelmente, novas formas de subjetivação. Por isso, desse ângulo de visão, o virtualismo, tem traduzido um novo conceito de sociedade. Esse diálogo está longe do Avatar ou Matrix? Provavelmente não. Através dos grandes sites de buscas podemos encontrar, acessar e baixar o que desejamos para nossa satisfação. Será que o sujeito quer mostrar sua verdadeira face, diante de um leque de avatares à disposição nesse ciberespaço? Talvez não a “verdadeira face”, mas o “corpo” em seus diversos e mais variados fetiches. Nessa ótica, essa nova cultura, tem sido maior que as revoluções corpo-a-corpo que nossos pais enfrentaram e que constituem a sociedade atual. E na atual, mas massiva, revolução silenciosa da liberação sexual seja online ou offline, sem os apelos do supereu Freudiano (ao qual normalmente se atribui que este seja um estorvador dos desejos do ID, através da pungência da moral e de

suas regras de conduta, mas pelo contrário, o supereu é também um incitador dos desejos, justamente pela valoração que transfere ao desejo, mesmo que pregue agir em contrário) e sob a liberação de conteúdos IDanos incitados por aquele supereu, que resultados teremos disso? Provavelmente a suspensão do Eu, pela tensão que este sofre.

Considerações Finais

Será que haverá limites para as demarcações do Eu ou isso é um engodo imaginário? Seriam esses os que se chamam de “desmentido dos limites”? Quem sabe o Eu passe por uma situação aterradora ao lidar com a inexistência dos limites para as suas reedições. O que deve ser reeditado, se não houver demarcações? Os que fazem por pulsão, como forma de concretização/realização do desejo, o fazem inconscientemente, por isso é bom lembrar do que disse Freud (e que já fora comentado anteriormente) que o “Eu, enquanto entidade psíquica” (ID), “não tem barreiras nítidas”, “a qual é enganosa” e “serve de fachada”(FREUD, 1930, P.9). Talvez, então, esses termos possam se relacionar com o que diz Safatle (2006) sobre a “plasticidade dos mascaramentos do Eu”. O que fala das inúmeras possibilidades existentes de destensionamento pela liberação dos desejos como investidas, por causa das demandas do desejo pelo Outro e agora, também, pelas facilidades tecnológicas. Como é de se esperar, na veloz conjuntura contemporânea e diante de uma evolução rumo ao homem-cibernético reinventado pelo Si mesmo e reeditado pelos desejos do Outro como satisfação momentânea do Ego, sofre de formas ainda não existentes. Talvez devido ao “Confronto com o Informe” mediante as novas formas de ressignificação. Sejam através da dissolução do Eu ou da recriação do Si mesmo. Que mergulho profundo a humanidade está dando! Suspendendo o Eu, o que ela vai encontrar? Com o “Informe”, responderia Safatle. Mas se o Eu ruma à sua desconstrução, para ser autor de sua existência, mesmo que para isso mutile seu corpo, para assim entender-se (inconscientemente, claro) como participante se sua recriação, o virtual (em potência) e o real, (presencialmente, ou não), fundem-se imperceptivelmente. Mas o analista deve ficar atento a esses movimentos os quais são, na realidade, novos mal-estares desabrochando. E não pararão ainda de evoluir (ou regredir, a depender do ponto de vista), em qualidade e quantidade. Pois a cada dia, ou apela-se para o

deslocamento à satisfação dos desejos, através de múltiplas formas de catexias, ou recria-se como forma de fazer-se prazer narcísico de Si mesmo. Olhar para os rumos da atual sociedade, fortemente influenciada pela cultura, não é tarefa fácil. Entretanto, a subjetividade não ficará inerte aos seus movimentos, muito pelo contrário, será diretamente (ou não) marcada pelas novas formas de compreensão cultural do indivíduo em sociedade. Se felicidade é o que esta busca, através dos sujeitos que a constituem, essa felicidade não estará nunca satisfeita, pois a lei do princípio do prazer se confunde socialmente com o ideal de felicidade. Portanto, o que há é uma sequência de idas e vindas no terreno dessa lei, e não felicidade plena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fink, Bruce. O Sujeito Lacaniano, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

Goethe, Joahnn Wolfgang Von. Wer Wissenschaft und kunst Besitzt/ hat auch Religion, apud Freud, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização, 1930. Tradução: Paulo César de Souza, 1ª Ed, São Paulo: Pinguim Classics Companhia das Letras, 2011.

Safatle, Vladimir. O Que Vem Após a Imagem de Si?, Revista Trópico, site Uol, desde 25. out. 2006 disponível em <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2793,1.shl>, acesso em: 19 dez. 2013.